

*Efratia Gitai*

---

## EM TEMPOS COMO ESTES

---

Correspondência, 1929-94

Organização Rivka Gitai  
Tradução Paulo Geiger





---

Minha mãe, Efratia, queria preservar traços de seu passado. Por motivos conscientes ou inconscientes, ela guardou suas cartas e por vezes pediu aos destinatários que as devolvessem. Sabia que esse seria um meio para compreender o destino de nosso país, como se à sua história íntima se incorporasse a história de Israel. Seus relatos me ajudaram a compreender e a fazer perguntas.

A introdução desta correspondência se baseia em nossas conversas, que foram gravadas e depois transcritas.

*Amos Gitai*

## INTRODUÇÃO

Um dia, Jonathan – filho do meu primo Ephraim Broïde, que por sua vez era primo de Zvi Luria – foi visitar a avó, prima da minha mãe, que vivia num retiro para idosos no monte Carmelo. Eu o acompanhei e levei comigo meu filho Amos, que devia ter uns seis anos. A avó se acomodou bem antes de se dirigir a seu neto Jonathan, e a Amos, neto de sua prima. Falou longamente sobre os parentes da mãe de cada um deles e as ramificações da árvore genealógica da família, que incluíam sábios, criadores da Cabala (do lado dos Luria),<sup>1</sup> rabinos e grandes comerciantes... Seu hino à glória familiar ainda ressoava em nossos ouvidos quando voltamos para casa. “Mamãe”, Amos me perguntou, “por que você nunca me disse que vinha de uma família tão importante e conhecida?” “Eu mesma não sabia”, respondi. Pouco depois, quando devolvi a pergunta a minha mãe, ela me disse: “Efratia, conheci rabinos que eram homens sábios, com um grande coração. E também conheci rabinos maus, egoístas, obcecados por seus pergaminhos. Conheci pessoas ricas que contribuíram para a cultura e a prosperidade dos outros, e pessoas ricas que eram avarentas e só pensavam em dinheiro. Conheci pessoas simples que eram boas e sábias, e outras que não eram. Então decidi que julgaria os seres humanos não em função da educação que receberam dos pais, nem da riqueza, mas com base nas pessoas que eram”.

---

1. Referência a Isaac Luria (1534-72), chamado *Haari Hakadosh*, o Leão Sagrado, que revolucionou o misticismo judaico com as revelações da Cabala e a decifração do *Zohar*, o livro magno da Cabala. [Todas as notas da Introdução são do tradutor, salvo indicação contrária.]

Essas palavras foram ditas há muito tempo. Minha mãe morreu poucos anos depois, numa noite de *shabat*, durante a festa de Chanuká,<sup>1</sup> em 30 de dezembro de 1957. Era muito bonita (não me pareço com ela), gentil e digna, e meu pai a chamava de Esther Hamalká, a rainha Ester.

Ela nasceu em Bialystok – então na Rússia – em 1885, sob o reinado do tsar Nicolau II. Na juventude, foi presa por sua atividade sionista, ela e duas amigas: Sônia, irmã daquele que viria a ser meu pai, e Hassia Feinsold, que mais tarde se casou com Eleazar Sukenik, o arqueólogo que descobriu os manuscritos do mar Morto. As atividades sionistas haviam sido proibidas desde que uma grande onda de pogrons tinha varrido a Rússia. A comunidade judaica protestou contra a prisão das moças e elas foram libertadas. Sônia falou a seu irmão sobre Esther, que tinha confortado as amigas na prisão. “Uma mulher como essa poderia ser minha esposa”, disse Eliyahu, “e ir comigo para a Terra de Israel. A vida lá é dura e exige pessoas corajosas como ela.” Minha mãe imigrou em 1907, um ano depois dele. Seus pais, religiosos ortodoxos, fizeram *shivá* como se ela tivesse morrido, por não ter esperado a chegada do Messias para ir à Terra Santa.

Após uma longa e cansativa viagem de trem, ela embarcou num navio turco. A bordo, contraiu disenteria. O capitão estava prestes a jogá-la ao mar para impedir o contágio e a disseminação da doença, quando um jovem casal interveio e se dispôs a cuidar dela. Eles puseram seus filhos no convés, abrigaram Esther em sua pequena cabine e trataram dela até o navio chegar a Haifa.

Quando meu avô paterno morreu, meu pai tinha catorze anos e mudou seu sobrenome de Margalit (Margulies) para

1. Ver o Glossário (p. 279) para explicações sobre as festas judaicas e também para traduções livres das expressões idiomáticas presentes no texto.



Vista da baía de Haifa, 1905

Munschik, como era comum para escapar do serviço militar.<sup>1</sup> Ele imigrou para Erets Israel<sup>2</sup> em 1905 e, ao chegar, trabalhou em Kfar Saba para um tio, Dov Ber Margalit, que lhe concedeu um terreno com 48 mil metros quadrados para plantar laranjeiras e amendoeiras. De lá ele foi para Petach Tikva, depois para Jaffa, onde fundou a fábrica de óleo Atid (Futuro). Os imigrantes da Segunda Aliá,<sup>3</sup> além de realizar um árduo trabalho físico, dedicavam-se à militância comunitária, fundando instituições. Meu pai, por exemplo, tornou-se um dos redatores do

1. O serviço militar era feito, então, aos 25 anos.

2. Erets Israel, Terra de Israel, ou simplesmente Erets, ou Arets, é como os judeus se referiam à terra que fora sua pátria no passado, chamada pelos romanos, quando conquistaram a Judeia, de Palestina.

3. Aliá, em hebraico, significa “ascensão”, “subida”, termo usado para indicar imigração individual ou em grupo para Erets Israel. As levas de imigração foram divididas nestas fases: Primeira Aliá (1881–1902), Segunda Aliá (1904–14), Terceira Aliá (1919–23), Quarta Aliá (1924–28) e Quinta Aliá (1929–39). [N. E.]

jornal semanal publicado pelo *Hapoel Hatsair*,<sup>1</sup> que era um dos dois maiores partidos trabalhistas. O outro era o Achdut Avodá Poalei Tsion (União dos Trabalhadores de Sion), liderado por Ben-Gurion e Berl Katznelson. No *Hapoel Hatsair* havia muitos imigrantes da Segunda Aliá, a maioria com residência em Haifa.

Quando meus pais finalmente resolveram se casar, a cerimônia foi realizada em volta de um poço em Jaffa, conduzida pelo grão-rabino Kook, que quis demonstrar seu respeito pelos pioneiros “de pés descalços”. Eles dançaram a noite toda em torno do poço, a ponto de molhar a roupa de suor. Foi um momento de grande alegria.

---

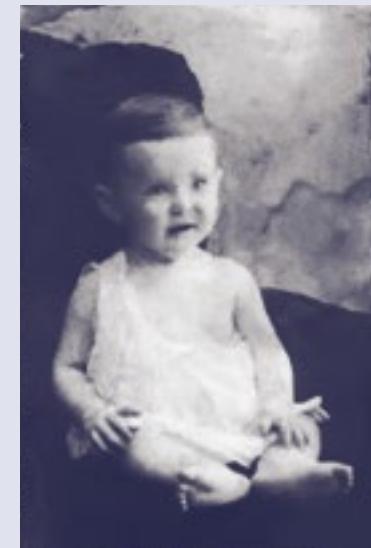
Nasci em 28 de agosto de 1909 e fui considerada a “filha mais velha” da Segunda Aliá. O país era, então, um deserto: nenhuma sombra, nenhuma árvore... Foi muito difícil para pessoas refinadas como meus pais e outros de seu grupo.

Quando eu tinha um ano, meus pais voltaram para a Rússia. Papai pretendia organizar e ajudar grupos que queriam imigrar para Erets Israel, mas na verdade acabou se dedicando a ajudar a *chamula* a imigrar: os Fink, os Broïde, os Luria e os Novik (parentes do marido de sua irmã Sônia). Reuniu todos eles na fronteira da Letônia, numa grande propriedade rural onde nasceu minha irmã Rachel.

Com o estouro da Primeira Guerra Mundial, a família se retirou para um lugar a leste de Moscou, mas, por lei, os judeus eram proibidos de morar lá. Eles se mudaram para Nijni Novgorod, uma cidade bonita, numa colina junto ao rio Volga, e lá

---

1. O *Hapoel Hatsair* (O Jovem Trabalhador) foi um partido sionista socialista fundado na Palestina em 1905 por imigrantes judeus da Rússia, inclusive Yossef Aharonovitz e sua mulher, a escritora Dvora Baron. Seus objetivos incluíam a “conquista do trabalho” pelos trabalhadores de Erets Israel, a defesa de seus interesses e a difusão da língua e cultura hebraicas. [N. E.]



Esther e Elyahu, os pais de Efratia, c. 1907, chegando a Jaffa.  
Efratia com um ano de idade, Haifa, 1910.

meu pai e o cunhado dele estabeleceram uma fábrica de botas. Meu pai era o homem das ideias e do gerenciamento, enquanto tio Novik cuidava da fabricação. Embora a fome grassasse durante a guerra, eles enriqueceram vendendo botas.

Papai, que se recusou a me matricular numa escola russa, criou um jardim de infância hebraico, um verdadeiro paraíso cercado de natureza. Em casa falávamos *rak ivrit*, verdadeiro milagre, segundo os judeus que nos visitavam. Um dia, lendo um jornal russo, ele viu o anúncio de um refugiado judeu à procura de trabalho, um professor temporariamente instalado em Odessa: esse homem acabou se tornando nosso professor de hebraico. Ativistas do movimento dos pioneiros,<sup>1</sup> meus pais

---

1. Movimento que pregava, propagava e implementava a ideia e a ação de imigrar para Erets Israel na qualidade de “pioneiro”, geralmente para trabalhar na agricultura ou em serviços de infraestrutura, como construção de estradas, edificações etc.

As famílias Novik e Munschik-Margalit (da esquerda para a direita): Kalman, Sonia e Ephraim; Rachel, Sarah, Esther, Ygal, Elyahu e Efratia, em Nijni Novgorod, 1915.



iam a reuniões pela Rússia toda, e nós ficávamos em casa, que era bem grande. Eu tocava piano, nós dançávamos – lembro-me da colcha bordada da cama de casal, que enrolávamos no corpo para dançar – e passeávamos nos bosques. A neve não nos impedia de brincar.

Em 1915 ou 1916, os judeus foram expulsos de Nijni Novgorod. Mudamos para Malakhovka, uma aldeia de aristocratas perto de Moscou, onde meu pai conseguiu alugar um dos inúmeros palácios. Vivemos lá vários meses com nosso tutor e nossa governanta, uma camponesa russa. Foi em Moscou, em 11 de novembro de 1917, que meu irmão Yigal nasceu, um ano depois de minha irmã Sarah. Quando mamãe deu à luz no hospital, meu pai lhe levou um ramo de flores do tamanho de uma criança. Durante a comemoração do *brit milá*, ouvimos à distância o troar dos canhões. A revolução tinha começado. Lembro-me de ter pegado o telefone para ligar para uma amiga, mas o serviço telefônico tinha sido cortado. Os comunistas haviam tomado o poder. Papai decidiu que era preciso ir embora e sugeriu ao Exército russo que providenciasse um trem para evacuar refugiados letões e lituanos, já que muitos grupos étnicos estavam tentando repatriar seus soldados. Ele ficou encarregado dos lituanos, e toda a nossa pequena *chamula* embarcou num vagão que nos foi fornecido. Não havia combustível suficiente, estávamos com fome, e me vêm à memória lembranças muito duras do antisemitismo que enfrentamos naquela ocasião. Os letões interceptaram o trem e acusaram os judeus de terem roubado combustível e suprimentos. Fomos condenados à morte. Ainda vejo meu pai de pé nos degraus do vagão e nós atrás dele, agarrados à mamãe. Ele perguntou aos letões, citando o livro de Samuel em russo: “De quem foi que tomei um boi, e de quem foi que tomei um jumento?”. Então sugeriu que enviassem um grupo para revistar nosso vagão. Nossas malas e pertences pessoais foram

revistados, nada foi encontrado. Quando estávamos prontos para partir, as rodas tinham congelado. Meu pai requisitou toda a gasolina e manteiga disponíveis – as rodas foram untadas e o trem pôde seguir viagem.

Depois de muitos solavancos, reviravoltas e desvios, finalmente chegamos a Bialystok, onde familiares de meu pai nos esperavam. Dois anos mais tarde, em 1920, embarcamos em nossa jornada de volta a Erets Israel. Tomamos um trem e fomos obrigados a parar em Viena; ficamos lá um mês, com outros ativistas sionistas. Antes de partir, minha mãe havia reunido tudo o que tínhamos num grande *sanduk*, espécie de contêiner: utensílios de cozinha, cortinas, casacos, castiçais de prata, dois baús de madeira cheios de enciclopédias russas e livros em russo e em hebraico. Todos esses pertences foram roubados quando chegamos à Itália, pouco tempo depois – os ladrões provavelmente pensaram que, por serem muito pesados, os baús contivessem ouro. Tudo o que nós, crianças, possuímos eram as trouxinhas que mamãe fizera para cada um de nós.

Em Trieste, embarcamos no navio *Allouan* com destino a Alexandria, onde comemoramos Shavuot, a festa de Pentecostes. De lá tomamos um barco para Jaffa e, ao chegar, encontramos à nossa espera Nahum Tversky, um amigo do meu pai. Fomos morar no térreo do sobrado dele, na rua Chelouche. Tínhamos três quartos, todos com belos ladrilhos alemães. Lembro-me do jarro de água fresca num canto. Ainda hoje me vejo lavando o chão ou lendo estirada numa esteira de vime. *Haiá kef!*

Em 1921, o grande escritor Yossef Haim Brenner foi assassinado. Defensor da coexistência pacífica entre judeus e árabes, ele vivia no distrito árabe de Jaffa. Do nosso telhado, mamãe e eu vimos os arruaceiros árabes se dirigindo a Neve Shalom e Neve Tsedek aos gritos de “Alá, Maomé!”. Fomos nos refugiar nas cercanias de Neve Tsedek, em um dos prédios novos, de três andares.

## GLOSSÁRIO

**AHSAHN:** em árabe, interjeição com sentido positivo, “está bem”.

**ALEVAI VIDER NICHT SHLECHTER:** em ídiche, literalmente, “tomara que não fique pior do que isso”, mas também “vamos sobreviver”.

**ALLAH BAAREF:** em árabe, “só Deus sabe”.

**ALLES MIT SILBER LÖFTEL:** em alemão, “tudo tem a ver com prata”, “com dinheiro”.

**ALTE KASHE:** em ídiche, “velhas perguntas”, “velho dilema”.

**BLI AYIN HARÁ:** em hebraico, expressão que manifesta o desejo de repelir o mau-olhado, similar a “bater na madeira”.

**BLITZ LEITER:** em alemão, “breves lampejos”.

**BRIT MILÁ:** circuncisão dos recém-nascidos na cultura judaica.

**CHAMSIN:** vento quente, seco e arenoso que atinge o Egito e Israel e causa muito desconforto; o termo deriva da palavra árabe “cinquenta”, porque no Egito o fenômeno dura esse número de dias durante a primavera; em Israel, ocorre no outono e na primavera.

**CHAMULA:** em árabe, “clã familiar”, formado por vários núcleos (por exemplo, irmãos e suas respectivas famílias – cônjuge, filhos, netos).

**CHANUKÁ:** a festa das luzes, que comemora o triunfo dos macabeus sobre as tropas do monarca greco-sírio Antíoco IV em 165 a.C. e a reinauguração (o significado literal do termo) do Templo Sagrado de Jerusalém. Durante a ocupação grega, rituais pagãos haviam sido impostos aos moradores, e o Templo fora violado. Com a vitória dos macabeus, o local foi novamente consagrado, e a menorá (candelabro com sete braços), acesa com a última ânfora de azeite purificado pelo sacerdote encontrada ali, cujo líquido só seria suficiente para uma noite; milagrosamente, durou oito dias, dando tempo para que mais azeite fosse produzido; por isso, a festividade se estende por esse período, e a cada noite se acende uma vela (uma na primeira noite, uma outra na segunda etc., até que todas as velas do candelabro estejam acesas) para recordar o ocorrido.

**CHAZAK VEEMATS:** em hebraico, “força e coragem”; cumprimento entre membros do movimento juvenil Hashomer Hatsair.

**EIN STRICH DURCH DIE RECHNUNG:** em alemão, “seguir em frente”, “recomeçar”.

**FREUDENSCHAFT:** em alemão, “amizade”.

**GANTSER MENSCH, A:** em ídiche, literalmente “um homem completo”. No contexto da carta em que é citada, Efratia se refere ao filho pequeno, que lhe parece “um verdadeiro homenzinho” ao aprender a ficar em pé e usar sapatos e calça.

**GEDDA:** em árabe, “incrivelmente forte”.

**GMAR CHATIMÁ TOVÁ:** entre as datas de ROSH HASHANÁ e YOM KIPUR é comum que as pessoas troquem a saudação *Leshaná tová tikatevu vetichatemu*, “Que (no Livro da Vida) esteja inscrito e selado que você tenha um bom ano”. No Yom Kipur, que finaliza o período, dizer *Gmar chatimá tová* reforça o desejo de que esses votos se confirmem.

**HAIÁ KEF:** em hebraico, “que divertido!”.

**HORA:** dança de roda típica dos pioneiros em Erets Israel e dos movimentos juvenis judaicos.

**IMALE:** em hebraico, “mãezinha”.

**KEN:** em hebraico, “ ninho”; no contexto dos movimentos juvenis sionistas, era como os jovens se referiam ao próprio grupo e às instalações da sede.

**KIBUTZ, KIBUTZIM (plural):** comunidades com orientação socialista, em que predominam atividades agrícolas, socialização dos bens e meios de produção, igualdade social e excelência no sistema educacional; seu ideal, nos primórdios da colonização judaica na Palestina, era construir uma nação própria calcada nos esforços comunitários.

**KIBUTZNIKS:** moradores de *kibutz*.

**KIF HALEK:** em árabe, “como vai?”.

**KYRIA, KYRIOT (plural):** em hebraico, “cidade”.

CAPA : Efratia em Tel Aviv, 1928.

pp. 2-3: Efratia c. 1925.

p. 4: Efratia na casa dos pais, na rua Hayarkon, em Tel Aviv, c. 1927.

© Éditions Gallimard, 2010

© Ubu Editora, 2019

imagens © Acervo Gitai

*Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo  
Ortográfico da Língua Portuguesa*

*coordenação editorial* Florencia Ferrari, Maria Emilia Bender

*assistentes editoriais* Isabela Sanches, Julia Knaipp

*preparação* Fabiana Medina

*revisão* Claudia Cantarin, Rita de Cássia Sam

*design* Flávia Castanheira

*produção gráfica* Marina Ambrasas

*tratamento de imagem* Carlos Mesquita

Agradecimento especial a Colline Faure-Poirée, da Gallimard.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Gitai, Efratia [1909 - 2004]

Em tempos como estes: Efratia Gitai

Organização: Rivka Gitai, Amos Gitai

Título original: *Efratia Gitai – Correspondence 1929-1994*

Tradução: Paulo Geiger

São Paulo: Ubu Editora, 2019

288 p.: 45 ils.

ISBN: 978-85-7126-053-5

1. Autobiografia. 2. Efratia Gitai. 3. Cartas. I. Gitai, Rivka.

II. Gitai, Amos. III. Geiger, Paulo. IV. Título.

2019-1578

CDD 920 . CDU 929

Índice para catálogo sistemático:

Autobiografia 920

Autobiografia 929

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br

  /ubueditora